



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

## JUAN BAUTISTA ALBERDI E O BRASIL: DECODIFICAÇÃO DE UM TEXTO POLÊMICO.

Publicado no site em 30/06/2009

Earle D. Macarthy Moreira  
[Primeira versão in SBPH/Anais X Reunião/Curitiba/1991]

### 1. O ator e suas circunstâncias.

Como não podia deixar de ser, a presença do Brasil no Prata constituiu-se, desde os primeiros momentos da vida independente da Argentina, Uruguai e Paraguai, em problema de primeira grandeza para os respectivos historiadores, tanto no século passado como neste. É claro que as abordagens que o tema propicia padecem, no século XIX, de uma forte dose de paixão já que, pela maior parte, os que escreveram a história eram também políticos militantes e protagonistas dos acontecimentos.

“A história – escreve Miguel Angel Scenna, referindo-se à primeira metade do século – era um artigo perfeitamente desconhecido, um capo virgem e inexplorado; mas estando ainda próximo dos fatos, dominava a tradição oral, o testemunho familiar, os espelhos deformantes da informação parcial. Corresponderá à geração que amadurece depois de Caseros a tarefa de forjar uma primeira interpretação da história argentina.”<sup>1</sup>

Formam nesse grupo Vicente Fidel López, Luis L. Dominguez, Manuel Ricardo Trelles, Antonio Zinny e Bartolomeu Mitre. Têm eles em comum o fato de haverem sido atores e testemunhas da época de Rosas, de quem foram adversários, por cuja causa foram muitos exilados e perseguidos, só retornando à pátria nas fileiras ou no rastro do *Ejército Grande Aliado de Sud América*. A eles se deve – principalmente a Mitre – o primeiro intento, em 1854, de fundar um Instituto Histórico e Geográfico, a exemplo de outros países. São liberais e admiradores das instituições inglesas e norte-americanas.

Com o tempo, o núcleo básico se foi alargando e surgiram as primeiras publicações periódicas dedicadas à história: *Revista de Buenos Aires* (1863); *Revista del Archivo General de Buenos Aires* (1869); *Revista del Río de la Plata* (1871); *Revista de la Biblioteca Pública de Buenos Aires* (1879); *Revista del Pasado Argentino* (1888).

De Vicente Fidel López<sup>2</sup> disse Paul Groussac<sup>3</sup> que cultivava a inexatidão.<sup>4</sup> Mitre<sup>5</sup>, por outro lado, se não atinha uma prosa tão elegante, era um pesquisador de inegáveis méritos, cujo acervo bibliográfico e documental persiste até hoje como indispensável aos estudos platinos. Segundo Rômulo D. Carbia: “O credo historiográfico com que Mitre realizou o labor definitivo [...], pode sintetizar-se dizendo que era aquele que proclamava que a correlação, a harmonia, o movimento e até o colorido dos fatos históricos, devia fluir direta e exclusivamente da construção erudita, feita utilizando os documentos inéditos, a bibliografia depurada pela crítica e os elementos testemunhais da tradição.”<sup>6</sup>

Tanto Mitre como López são considerados como os clássicos da historiografia argentina, que se viu enriquecida na mesma centúria com figuras da talha de Clemente Fregeiro<sup>7</sup>, considerado o primeiro historiador totalmente profissional; de Adolfo Saldías, o autor da *Historia de la Confederación Argentina*, modelar no gênero<sup>8</sup>; de Ernesto Quesada<sup>9</sup>, de heurística impecável, cujos arquivo e biblioteca, de inestimável valor, repousam hoje no Instituto Ibero-Americano de Berlim; do francês Paul Groussac, pontífice máximo dos historiadores de fins do século, cujo temperamento avinagrado – “Havia cepas de qualidade na fermentação acre e cáustica de seu pensamento”, dirá Miguel Angel Scenna<sup>10</sup> – não chegou a prejudicar o heurista rigoroso, o crítico implacável e um dos melhores cultores da expressão literária em castelhano.

Não sendo um historiador na plena acepção da palavra, Juan Bautista Alberdi influenciou grandemente sobre os que escreveram a história nas repúblicas do Prata, região onde a presença portuguesa e, posteriormente, brasileira, por razões óbvias, não era bem vinda, a não ser quando, muito a contragosto, se viam os políticos locais impossibilitados de desatar ou cortar com as próprias mãos o nó górdio de suas querelas. Assim foi no caso de Artigas, ao tempo de D. João VI, e no de Rosas, no reinado de D. Pedro II.

Deixando de lado a infundável discussão sobre se cabia ou não ao Brasil a missão de por ordem ou policiar os negócios platinos, na forma e nos propósitos que bem entendessem os caudilhos regionais, despendendo vidas e recursos a troco apenas de um *mil gracias*, resta o inequívoco fato de que, *al cabo*, tal intromissão engrossava o rol, já extenso, de queixas, rancores e ressentimentos, de uns por prejudicados, de outros por devedores.

Não por aí, no entanto, que a influência de Alberdi se fez sentir com maior força. Foi pelo prestígio adquirido como formador de opinião, preservado, pelo afastamento prolongado do torrão natal, da deterioração natural da militância política. E é por essa qualidade excepcional – de formador de opinião – que os clichês de sua lavra a respeito do Brasil, têm tido tão longa vida. O efeito dessa prédica, inteligente mas venenosa, que se percebe com maior intensidade de 1870 a 1910, ainda encontra alguma ressonância em setores nacionalistas mais radicais e seus escritos sobre a Guerra do Paraguai, continuam ainda hoje sendo reeditados, como que respaldando a sua consigna: “Por agora, todo o propósito do autor concentra-se em uma idéia: resistir, protestar, opor-se ao plano tradicional do Brasil [...], de reconstruir seu império em detrimento do povo, do solo e da honra das repúblicas do Prata.”<sup>11</sup>

Juan Bautista Alberdi, (1810-1884), não foi um energúmeno qualquer. Polígrafo reputado. Pensador de mérito. Jurisconsulto insigne. Literato apenas medíocre, mereceu de Álvaro Melián Lafinur (1889-1958), reputado crítico literário e historiador da cultura, o seguinte parecer: “Tem a *linea recta brevisima* e sua prosa, que parece um véu branco sobre uma branca nudez, como diz Groussac, grande juiz de estilos, ostenta a virtude soberana de uma limpidez solar. Poucas linguagens são tão aptas para a disquisição didática e o desenvolvimento teórico”.<sup>12</sup>

Em seu bosquejo psicológico detecta-se uma vontade forte, hombridade, idealismo, sensibilidade à flor da pele. Polemista temível, emocional, preciso, com vocação para cunhar frases de expressiva densidade, que ainda vivem, emancipadas, como aforismos, na memória da posteridade: “*vera mentalité construtice*”, na interpretação de Emílio de Matteis<sup>13</sup>; “alma dilacerada pelas diatribes”, segundo Martín García Mérou no ensaio crítico que lhe dedicou em 1916<sup>14</sup>. Alberdi mesmo definiu seus escritos como não literários, mas sim como atos de coragem, de patriotismo e de sinceridade.

Personalidade cheia de arestas e contrastes conseguiu, a um só tempo, nutrir ódio mortal a tudo quanto era espanhol, inclusive o idioma<sup>15</sup>, só amainando na velhice, e autêntica veneração por Mariano José de Larra (1809-1837)<sup>16</sup> – FÍGARO – a ponto de adotar o pseudônimo de FIGARILLO, com o qual estreou em *La Moda* (1837), periódico que se definia como “*gacetín semanal de música, de poesía, de literatura y de costumbres*”, para despistar a inquisição rosista.

Para Alberdi, a única Argentina que valia a pena era a que havia nascido da Revolução de Maio e foi por ela que se propôs a lutar, adotando como divisa e objetivos os mesmos de Larra: “Rirmo-nos do ridículo: esta é a nossa divisa; ser lidos: este é o nosso objetivo; dizer a verdade: este é o nosso meio”.<sup>17</sup>

Encontrou também em Larra justificativa para sua rebeldia e propósitos de reforma: “... o passado não é nosso; só o presente nos pertence e só queremos trabalhar pelo futuro.”<sup>18</sup>

Quando Larra escreveu – “Recusamos, pois, o que hoje em dia, entre nós, se chama de literatura; não queremos essa literatura reduzida às galas do dizer, ao som da rima, a entoar sonetos e odes de circunstância, que concede tudo à expressão e nada à idéia, mas sim uma literatura filha da experiência [...], estudiosa, analisadora, filosófica, profunda, pensando em tudo, dizendo tudo em prosa, em verso, ao alcance a multidão ainda ignorante; apostólica e de propaganda, ensinando *verdades* àqueles a quem interessa sabê-las, mostrando ao homem não *como deve ser*, mas sim como é, para conhecê-lo; literatura, enfim, expressão de toda a ciência da época, do processo intelectual do século”<sup>19</sup> – não podia imaginar o efeito que produziria a milhares de quilômetros, nas remotas plagas do Rio da Prata, onde massas de gaúchos bravios, de chiripá e poncho colorado, aclamavam o “*Ilustre Restaurador de las Leyes*” e gritavam

"Muerte a los salvajes unitários!".

Para Alberdi, como também para Echeverría, o poeta; López e Mitre, os historiadores; Juan Maria Gutiérrez, o crítico; Sarmiento, o educador, e muitos outros daquela plêiade de notabilidades que fecundou a vida política e cultural da Argentina, no momento mais crucial de sua história como nação independente, FÍGARO, sacramentado pela imolação romântica do suicídio, foi um lema, uma bandeira, um manifesto.<sup>20</sup>

Esteban Echeverría<sup>21</sup>, Juan Maria Gutiérrez (1809-1878) e Alberdi, em meados de 1837, aliados ao livreiro e bibliófilo Marcos Sastre, fundam o "Salão Literário", que reuniu durante alguns meses a nata da juventude estudiosa de Buenos Aires, mas que terminou sucumbindo à política repressora de Rosas. Igual sorte tocou a uma sociedade secreta, mais romântica que carbonária, denominada "Jovem Argentina", mais conhecida pelo nome menos comprometido de "Associação de Maio", inventado em 1846 por Echeverría.

Para fugir do ambiente, que se tornava cada vez mais sufocante, Alberdi emigrou para Montevideú, sendo, como ele mesmo registrou em um caderno de memórias, o primeiro argentino a assim proceder "com propósitos revolucionários contra Rosas". Desde então, não mais abandonou o jornalismo como arma política, da qual serviu-se até o fim da vida e que esgrimiu sem dó nem piedade, cultivando admiradores arrebatados bem como imperecíveis inimizadas.

Algum tempo depois de começado o cerco de Montevideú, com a ajuda de Garibaldi e violando a proibição do comando da praça, na calada da noite de 5 de abril de 1843, Alberdi parte para a Europa, iniciando o que seria uma longa e itinerante existência de auto-exílio. Depois de percorrer a Itália, Suíça, França e Inglaterra, dirige-se ao Rio de Janeiro e dali parte para instalar-se em Valparaíso, no Chile, onde viveu algum tempo advogando, fazendo jornalismo e escrevendo livros de cunho político, jurídico e histórico. Depois de Caseros (1852) não retornou, como o fizeram Mitre, Sarmiento e outros. Em maio daquele ano publicou a obra que o havia de consagrar – *Bases e pontos de partida para a organização política da República Argentina* – espinha dorsal da Constituição de 1853.

Ingenieros (1877-1925), depois de definir Alberdi como um economista utilitário, à maneira de Bentham, e um socialista humanitário, no estilo de Leroux, enfatiza: "Nunca, absolutamente, esteve mais clara em um homem a consciência da nacionalidade futura; nesse homem encarnavam as aspirações de todos os que anelavam o renascimento do espírito de Maio."<sup>22</sup>

A idéia básica, a presidir o projeto constitucional, pode-se inferir das palavras de Juan Maria Gutiérrez, o amigo mais leal, ao rebater o deputado Facundo Zuviría (1793-1861)<sup>23</sup>, que afirmara não estarem os argentinos preparados para um regime constitucional: "... só havia dois modos de constituir um país; tomar a Constituição de seus costumes, caráter e hábitos ou dar-lhe o Código que devia criar esse caráter, hábitos e costumes, se não os tem. Se, pois, nosso país carece deles; se, como o mesmo senhor Deputado de Salta expressa em seu discurso, "a Nação é um caos", a Comissão em seu Projeto apresenta o único meio de salvá-la dele."<sup>24</sup>

Não deixa de ser significativo, para o entendimento do homem em causa, o fato de que nas mesmas *Bases*, onde preconiza uma política imigratória – "governar é povoar" – conste deprimente manifestação quanto à capacidade transformadora da educação popular: "Fazei passar o roto, o gaúcho, o cholo, unidade elementar de nossas massa populares, por todas as transformações do melhor sistema de instrução: em cem anos não fareis dele um operário inglês, que trabalha, consume e vive digna e confortavelmente."<sup>25</sup>

A nova situação política argentina propiciou a Alberdi funções diplomáticas, como ministro plenipotenciário, em Paris, Londres e Madrid, bem como a única visita que fez aos Estados Unidos. Dessas funções foi destituído, em 1861, pelo presidente Mitre, com quem já andava rompido. Só regressou à Argentina em 1879, na presidência de Nicolas Avellaneda, seu conterrâneo, depois de quarenta anos de ausência, para assumir uma cadeira de deputado por Tucumán, seu berço.

Não chegou, porém, a esquentar o lugar. Em 1880, foi expulso da Câmara de Deputados. Em 1881, retorna a Paris, vexado com as críticas de seus adversários e com a indiferença da nova geração, para quem era, praticamente, um estrangeiro, embora ele mesmo considerasse a sua "a vida de um ausente que não saiu de seu país".

Veio a falecer, em 18 de junho de 1844, solteiro, na mais completa solidão, pobre e

próximo à demência senil. Como sói acontecer, uma pensão vitalícia que o Congresso lhe havia votado, não chegou a efetivar-se: a morte lenta foi mais rápida.

As *Obras* de Juan Bautista Alberdi foram reunidas em oito volumes, em vida do autor; mais tarde, foram publicados os *Escritos Póstumos*, em dezesseis volumes. Seus restos mortais foram repatriados em 1889 e o reconhecimento público, que não se fez presente para amenizar-lhe o fim da vida, brotou exuberante após sua morte e passou a disputar com Sarmiento – inimigo figadal – a admiração e o apreço de seus compatriotas.

## 2. A imagem do Brasil: cavalo de batalha.

A Guerra do Paraguai foi travada em várias frentes, sendo uma delas, e não a menos importante, a imprensa. Não se conhece até agora, no Brasil, jornal<sup>26</sup>, revista ou folheto que haja advogado, na época, a causa de Solano López, embora as críticas às operações navais e terrestres, ao lento andamento da guerra e à política que andava por trás de tudo, estejam registradas em publicações de maior ou menor porte.

Depois do apresamento do *Marquês de Olinda* e do triste destino de Carneiro de Campos, tripulantes e passageiros do mesmo, a indignação nacional se fez sentir, não havendo ninguém com força política suficiente para contrastá-la e muito menos para alterar o rumo dos acontecimentos. Foi, sem dúvida, com os matizes que comporta, uma causa nacional: nem os soldados negros se bandearam em massa para o inimigo, nem os republicanos rio-grandenses aproveitaram-se do ensejo para nova rebelião.

Na Argentina e no Uruguai, entretanto, com a exacerbação dos antagonismos políticos, cevados constantemente em sangrentas revoluções e conjugados com os particularismos próprios de cada província, a situação criada com a guerra, longe de unir o povo, dividiu-o ainda mais. Para os *blancos* uruguaios, Solano López era um aliado e protetor, com quem contavam para sustentá-los no poder, contra o intervencionismo do Império e de Buenos Aires.

O próprio Alberdi reconhecia ser a Argentina constituída por dois países de interesses divergentes: "A *República Argentina* não é hoje o país *unitário*, que em 1826 disputou pelas armas ao Brasil a *Província Oriental*, em nome de sua integridade tradicional. Hoje é uma federação de *dois países* que são, ao mesmo tempo, seus dois grandes partidos históricos: *Buenos Aires* de um lado e as *províncias* de outro. [...] Não são dois partidos, simplesmente, os que a dividem: são dois países. [...] O *governo nacional argentino*, como a *República Argentina*, é um símbolo, uma abstração, um mito. Não é que o general Mitre não exista, nem que deixe de investir certo poder real. Falamos somente do caráter *nacional* de seu poder. Na realidade dos fatos não há um *governo argentino*, porque não há uma *República Argentina* no sentido antigo dessa denominação." <sup>27</sup>

A invasão paraguaia de Corrientes não chegou a alterar muito esse quadro. Um exército de dez mil homens, reunidos por Urquiza, sublevou-se em Entre Rios, para não partir para a frente de batalha. Outro, mais ou menos do mesmo porte, tomou idêntico rumo tempos após. Coube, pois, a Buenos Aires sustentar o peso da luta.<sup>28</sup>

Os federalistas argentinos, ligados aos paraguaios por afinidades ideológicas e antipatias compartilhadas, entorpeceram ao máximo o esforço bélico partindo, em 1866, para uma rebelião aberta no oeste, centro e norte do país, capitaneados pelos caudilhos Juan Saa (1818-1884) e Felipe Varela (1821-1870). De San Luis, San Juan, La Rioja, Catamarca, Salta e Jujuy, francamente convulsionadas, o rastilho de pólvora estendeu-se a Córdoba, Santa Fé e Entre Rios, exigindo o retorno de Mitre, então no comando do exército da Tríplice Aliança, a Buenos Aires para controlar a situação.

Em suma, a Guerra do Paraguai foi para a Argentina um conflito externo e interno, de excepcional gravidade e o problema da lealdade nacional um tema candente, gerador de violenta polêmica, cujo iniciador foi justamente Alberdi. Em seu seguimento vieram Carlos Guido y Spano (1827-1918), Agustín de Vedia (1843-1910), e outros.<sup>29</sup>

Não se pode perder de vista a circunstância especial de que estavam marcadas eleições presidenciais para 1868, sendo Alberdi natural pré-candidato, cujas esperanças só se desvaneceram na primavera de 1867.

De Paris, com toda a força de seu prestígio e o vigor de seu temperamento combativo, apenas começada a guerra, lança seus escritos contra ela. Em março de 1865 aparece *Las disenciones de las repúblicas del Plata y las maquinaciones del Brasil*<sup>30</sup>; em julho do mesmo

ano, *Los intereses argentinos em la guerra del Paraguay com el Brasil*<sup>31</sup>; em fevereiro de 1866, *Crisis permanente de las repúblicas Del Plata*<sup>32</sup>; e, depois que a Grã-Bretanha, em 5 de maio de 1866, torna públicas as cláusulas secretas do Tratado da Tríplice Aliança, lança o *Texto y comentário Del Tratado Secreto de la Triple Alianza contra el Paraguay*<sup>33</sup>.

Em 1869, esses panfletos foram enfeixados em livro prefaciado pelo autor e, desde então, vem sendo reeditado, com alguma variação no título. Toda sua argumentação, em defesa de um Paraguai criminosamente agredido por seus vizinhos, na verdade dirige-se contra o governo de Bartolomeu Mitre, apresentado como vilão-mor dessa história. O Brasil, por sua vez, comparece como ponto de referência necessário para reforçar o argumento já que, *de per se*, a opinião pública platina lhe era adversa.

Quanto mais denegrada a sua imagem, quanto mais assustadores os seus propósitos, reais ou imaginários, quanto mais infame o seu comportamento, tanto maior a traição de Mitre, a quem "pouco importa... que a Banda Oriental pertença ao Brasil, desde que possa passar por seu território para ir às províncias argentinas que trata de dominar; e desde que, brasileira ou independente, a Banda Oriental lhe sirva de aliada para manter indefinidamente essa dominação".[...] "Para essa luta... o general Mitre busca preparar para si aliados fora do país, porque dentro dele não há senão vítimas do que chama sua *organização constitucional*." <sup>34</sup>

Ele é apresentado como representante dos interesses egoísticos e anti-nacionais da aristocracia portenha: "Se eu detestasse o meu próprio país, desejar-lhe-ia a constituição que deve ao general Mitre, pois ela o despoja de quanto tem, para dá-lo todo à província da qual esse general pretende fazer o pedestal de seu poder. O Brasil não pode deixar de admirar a atual constituição argentina, que lhe economiza o trabalho de desmembrar e aniquilar a república que o venceu em *Ituzaingó* e cujos fragmentos pretende absorver." <sup>35</sup>

Rosas, que sofrera feroz oposição de Alberdi, teria sido mais feliz que Mitre no sofisma de "entrincheirar-se detrás da *dignidade nacional, da honra da república*". "Ele não acreditou que era um meio de defender a dignidade do povo argentino, constituiu-o em ponte, em asno ou em suíço do Brasil." Aliás, a invasão de Corrientes pelos paraguaios – uma simples aparição, uma visita honrosa! – não deveria ter sido motivo para a Argentina sentir-se insultada em sua honra nacional. <sup>36</sup>

Numa *Carta Sexta*, intitulada *Fines domésticos de la política exterior de Mitre*, as frases finais do primeiro período são, insofismavelmente, reveladoras do verdadeiro alvo: "A política atual do general Mitre não faz sentido se for buscada unicamente por seu lado exterior. Outro é o aspecto pelo qual deve ser considerada. Sua finalidade é completamente interior. Não é o Paraguai, é a República Argentina. E esse é o ponto pelo qual essa luta preocupa absolutamente nossa atenção." <sup>37</sup>

Com o intuito de obter os efeitos desejados – e os obteve – a aliança argentino-brasileira era questionada por muitas razões: a) O Brasil era "rival histórico e natural do povo argentino; erigiu em sistema sua participação e cumplicidade permanentes nas guerras civis dos países vizinhos, que quer aniquilar para sucedê-los na posse de seus belos territórios"; "a República Argentina, ainda que saísse vencedora, não recolheria dessa guerra senão desonra, porque haveria triunfado para o Brasil, seu rival histórico e seu perigo de todos os tempos". b) Seria vergonhoso, para uma raça superior, subordinar-se a uma inferior: "Os povos de origem espanhola não poderiam ver com indiferença a absorção de que estão ameaçados seus irmãos do Prata, por império de raça portuguesa, alterada fortemente pela mescla de raças de cor, pois tal absorção seria um argumento tristíssimo de inferioridade contra a América antes espanhola...". c) "Desaparecer, como o México, para ser parte da primeira república do mundo, é a calamidade mais feliz que pode suceder a um país condenado a morrer como nacionalidade; mas desaparecer, para ser um anexo obscuro de uma ex-colônia portuguesa situada na zona tórrida, é morrer três vezes, para a raça, para a liberdade e para a honra." d) A anexação gradual da Argentina, Uruguai e Paraguai ao Brasil seria uma vitória da "monarquia constituída pelo sacrifício de uma raça superior, ou que sente-se como tal, a outra raça visivelmente inferior". e) Um determinismo geográfico, implacável, não permitia que o povo brasileiro fosse, na melhor das hipóteses, mais que um bando de mestiços degenerados: O Brasil é um país "tórrido e ardente (...), não convém às raças soberanas da Europa; o espaço habitável e útil para o homem de raça branca é escasso e pequeno", o que impõe "a necessidade fatal e indeclinável (...) da imigração de negros e da escravatura dessa raça". Diante dessas fatalidades, um conselho humanitário: "Aceite o Brasil a nobre e caritativa missão que lhe dá a zona tórrida de embranquecer, pelo cruzamento, a raça negra", até porque "duvidar da transformação final da raça negra pelo cruzamento, em um século em que a zoologia tem descoberto o segredo de tantas



transformações prodigiosas, seria supor que o homem nasceu para fazer a perfeição de todos os seres, menos a sua própria". f) Não era possível suportar, sem o mais veemente protesto, que um país nessas condições agredisse o heróico Paraguai, "povo cristão, europeu de raça, que fala o idioma castelhano", que é "livre e homogêneo", que "representa a civilização", cujos soldados, todos, "sóbrios, pacientes e bravos [...] sabem ler e é raro o que não sabe escrever e contar. A própria Europa não tem exemplos dessa espécie". g) Era preciso que as demais repúblicas da América do Sul se dessem conta de que "cada vitória do Paraguai é vitória de todas elas, cada triunfo do Brasil é uma perda para elas na balança do poder americano" e que "certamente [...] não será jamais o Brasil a aduana por onde se introduza na América o governo a la européia", anseio de todos os liberais amantes do progresso. h) O Brasil encabeçava uma bem urdida e tenebrosa conspiração dos Bourbon e a prova disso "resulta de uma palavra atribuída a D. Pedro II, que haveria dito que abdicaria de sua coroa se não conseguisse o governo do Paraguai".

E mais: "A situação do imperador do Brasil tem de particular que não possui um herdeiro masculino de sua coroa; [...] a sucessão do trono do Brasil está destinada irremediavelmente aos Orléans. Trata-se, pois, de uma troca de dinastia, não de uma troca de imperador. É uma família em lugar de outra, não um príncipe em lugar de outro. É a família francesa de Orléans a substituir a família portuguesa de Bragança, no trono do Brasil." A designação do Conde d'Eu para comandar, em substituição a Caxias, foi "para impedir que algum general brasileiro caia na tentação de fazer-se um Cesar, pelo prolongamento da guerra do Paraguai". Por isso, "D. Pedro II entendeu ser prudente fazer do general-em-chefe da campanha o futuro Cesar brasileiro".

Pesava, também, "a necessidade de um sucessor eficaz e sério para a coroa do Império, que a vida de D. Pedro II, já avançada para um clima devorador, não tardará em deixar vacante, de certo modo são circunstâncias que puseram a existência do Império na borda de um abismo".

**38**

Para evitar esses funestos vaticínios, os estadistas brasileiros tinham em mente reconstruir o Império "com novos territórios, habitáveis por novas populações européias e com príncipes da mesma origem transatlântica".

Como os Orléans eram do mesmo tronco dos Bourbons, "as duas condições da reconstrução do Império não são outras que a supressão ou a revogação de mais uma república do mapa da América do Sul e a reaparição dos Bourbons na América, que sacudiu sua dominação em princípios deste século. Quer dizer, em outras palavras, que as duas condições da reconstrução imperial são a *conquista* e a contra-revolução."

Está implícito que essas afirmativas são mais que simples devaneios: "Se o partido político, representado na Europa pela família que aludimos, viesse um dia, pela vontade sempre caprichosa dos acontecimentos, a ocupar um grande trono na Europa, o Brasil seria sua alavanca para estabelecer seu predomínio em toda a América republicana do Sul, com uma facilidade de que nenhum poder europeu jamais gozou até o presente."

Não se tratava de um perigo remoto. A guerra com o Paraguai era iminente e os países do Prata só salvar-se-iam se atendessem aos alertas e a "vaidade bisonha dos presidentes deixar, afinal, de sucumbir ao incentivo pueril das cruces e condecorações imperiais, na medida em que eles se apercebiam de que não pode haver honra nem glória, para um soldado da América republicana, levar insígnias que jamais levaram nem Washington, nem Bolívar, nem Belgrano, nem Lincoln; de que o Brasil abusa de seu candor, quando os adorna com cruces e faixas".

### 3. Conclusão.

Os textos em questão, merecedores de um maior aprofundamento, são ricos em outras e mais variadas incriminações, algumas de insuperável pitoresco, como uma pretendida mudança da capital do Império para Montevidéu, para o corvo ficar mais em cima da carniça.

Vire e mexe, porém o *leitmotif* – vilania de Mitre, lacaio do Império; Buenos Aires, sua soberba e egoísmo; a sempre presente ameaça brasileira à integridade e sobrevivência das repúblicas platinas – é o temário rebatido com aplicação voltaireana.

Alberdi dominou, como poucos, arte da polêmica e penso que só encontrou rivais à altura em Domingos Faustino Sarmiento e Bartolomeu Mitre, também mestres, seus arquiinimigos. Superou a ambos em fel, porque ao amparo da distância do teatro dos acontecimentos e dos inevitáveis constrangimentos que o exercício do poder impõe aos homens públicos. Onde os demais tinham que medir dez vezes as palavras, para evitar respingos de conseqüências perigosas, soltava ele a língua com desenvoltura, mordaz, irônico, viperino.

Entrelaçando, com extrema habilidade, o passado com o presente; onde a verdade só não bastava recorrendo ao boato e dando-lhe vida e curso; equilibrando-se com arte na corda bamba das meias-palavras; revolvendo preconceitos e antigos ódios, sepultados no inconsciente coletivo e revestindo-os com os ouropéis de falsos dogmas científicos, nos quais, justiça se faça, acreditava piamente, Alberdi não conseguiu liquidar com as carreiras políticas de Mitre e Sarmiento, nem pôde impedir o triste fim de Solano Lopez, segundo ele, paladino do "sonho dourado de Bolívar", que seria "estender a revolução ao coração do Brasil". Em compensação, causou o mais perdurável dos estragos, no que tange à imagem do Brasil, na opinião pública platina.

Em editorial de 10 de janeiro de 1867, *La Nación Argentina* estampou: "Alberdi, quem haveria de crer, um de nossos talentos mais privilegiados, a quem se podia perdoar seu extravio em nossas questões internas, colocou sua pena a serviço do inimigo de sua pátria e seu nome no catálogo dos traidores, crime que perde para sempre e que jamais lhe será perdoado".

Em nossos dias, as paixões já amortecidas, ninguém mais, mesmo em desacordo com seus métodos, idéias ou atitudes, em boa parte reflexos de momento excepcional da história sul-americana, compartilha de tão radical condenação. A sinceridade do patriotismo de Alberdi é hoje avaliada por toda uma existência e não apenas pelas circunstâncias de um momento. Conforme Paul Groussac: "Não lembraremos a atitude de Alberdi durante a guerra do Paraguai, a não ser para lamentá-la; não, certamente, porque aceitemos uma sequer das acusações malévolas que contra ele formularam seus adversários, mas, porque Alberdi perdeu, sem dúvida, naqueles panfletos, a clara noção da realidade".<sup>39</sup>

**1.** In *Los que escribieron nuestra historia*. Buenos Aires: La Bastilla, 1976. p. 52. M. A. Scenna (1924-1981), oftalmologista de profissão, tornou-se um dos mais renomados especialistas em história argentina, incursionando pela história social – "Cuando murió Buenos Aires 1871"(1974), sobre a grave epidemia de febre amarela, que produziu mais de treze mil mortos em cinco meses, "Crônicas de Buenos Aires" (1977) ; e pela história das relações internacionais – "Cómo fueron las relaciones argentino-norteamericanas (1970), "Braden o Perón" (1974), "Argentina-Chile: una frontera caliente" (1981), "Argentina-Brasil: cuatro siglos de rivalidad" (1975), de grande repercussão em nosso meio político e diplomático. Foi assíduo colaborador da revista TODO ES HISTORIA, de Félix Luna.

**2.** V. F. López (1815-1903), foi deputado, ministro e jornalista. Deixou, entre muitos outros escritos, uma monumental "Historia de la República Argentina, Su origen,, su evolución y su desarrollo político hasta 1852"(1883-1893), em dez alentados volumes. Narrador de mérito, mas deficiente quanto à pesquisa documental.

**3.** P. Groussac (1848-1929), francês de nascimento, radicado em Buenos Aires a partir de 1866, foi Diretor da Biblioteca Nacional da Argentina por mais de quarenta anos e, como tal, publicou notáveis coleções – a revista "La Biblioteca" (1896-1898) e "Los Anales de la Biblioteca" em 11 volumes, além outras obras, caracterizadas pelo devotamento à heurística e beleza da forma. Foi, pode-se dizer, em seus últimos anos de vida, o pontífice máximo da crítica historiográfica argentina.

**4.** *Apud Scenna, op. cit., p.74.*

**5.** B. Mitre (1821-1906), estadista, diplomata, historiador e jornalista – fundador do diário LA NACIÓN – foi, de 1850 até morrer, a figura dominante da vida pública argentina. Pesquisador infatigável e prolífico, legou à posteridade dois monumentos historiográficos, desde logo considerados clássicos do gênero: a "Historia de Belgrano y de la independência argentina" (1859) e a "Historia de San Martín y de la emancipación sudamericana" (1877-1890). Doou ao Estado toda a sua biblioteca particular e documentos coletados ao longo de sua existência e reunidos em sua residência, constituindo o núcleo do internacionalmente famoso Museu Mitre.

**6.** *Ap. Scenna, .p. 79.*R.D. Carbia (1885-1944), foi professor universitário, Diretor da Biblioteca de Filosofia e Letras da UBA e membro da Academia Argentina de História e de outras instituições afins. Autor de "Historia eclesiástica del Río de la Plata" (1914-1915), "Historia de la historiografía argentina" (1925) , "Nueva historia del descubrimiento de América" (1936), etc. É, justamente, considerado um inovador no uso crítico das fontes.

**7.** C. L. Fregeiro (1853-1933), uruguaio radicado na Argentina desde menino, professor secundário e universitário, com grande domínio da bibliografia americana, publicou "Lecciones de historia argentina" (1886), "Historia documental y crítica" (1893) além das biografias de Bernardo de Monteagudo, Juan Diaz de Solis, Artigas,etc.

**8.** A. Saldías ((1850-1914), advogado de formação e político por vocação, teve marcada presença no jornalismo, na administração pública e na diplomacia. Como estudioso da história argentina, destacou-se como um precursor da escola revisionista que, como tal, só se organizará a partir da década de 1930, embora ele mesmo fosse um liberal autêntico. Sua "Historia de la Confederación Argentina", desde a primeira versão como "Historia de Rosas y su época" (1881-1887), permanece como um clássico no gênero e continua sendo reeditada com o maior êxito.

**9.** E. Quesada (1858-1934) foi advogado, historiador, sociólogo e professor das universidades de Buenos Aires e La Plata. Grandemente influenciado pela metodologia histórica alemã, estudou *in loco*, entre 1908-1909, os programas de história para a graduação, de vinte e duas universidades do Império do Kaiser, com o objetivo de adaptá-los à Argentina. Foi o primeiro professor titular de Sociologia de seu país. A biblioteca que herdou de seu pai, Vicente Quesada (1830-1913), acrescida de novas aquisições, legou por testamento à Universidade de Berlim: cerca de sessenta mil volumes e vinte mil documentos! Sua obra fundamental – "La época de Rosas: su verdadero carácter histórico" (1898) – fazem-no, também, como Saldías, um precursor da "escola revisionista" argentina.

**10.** *Op.cit.*, p. 108.

**11.** *In Alberdi, J. B. La guerra Del Paraguay.* Buenos Aires: Hyspamérica, 1988. p. 11-2.

**12.** *Ap. Sainz de Robles, F.C. Ensayo de um diccionario de la literatura.* Madrid: Aguilar, 1953. p. 33-4.

**13.** Matteis, E. *Storia della civiltà argentina nelle fonti letterarie.* Torino: Fratelli Bocca, 1932. p. 187.

**14.** *Alberdi, ensayo crítico.* Buenos Aires: La Cultura Argentina, 1916. p. 16-7. M. García Mérou (1862-1905), aliás, tem obtido merecido destaque nos meios intelectuais brasileiros, desde a publicação de *El Brasil intelectual* (1900). Como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de seu governo em 1894, residiu por dois anos em Petrópolis e é tido com justa razão um analista precioso daquela época conturbada da política brasileira e dos homens de letras que freqüentou, sendo considerado impar o estudo que faz de Ruy Barbosa, vendo nele, além dos dotes literários, um estadista de primeira plana.

**15.** Alberdi, J. B. *Escritos póstumos.* Buenos Aires: Francisco Cruz, 1895-1901 (16 v.), t. XIV, p. 294-5: "Minha preocupação desse tempo, contra tudo o que era espanhol, me inimizava com a própria língua castelhana, sobretudo com a mais pura e clássica, que me era insuportável [...]"

**16.** Na vida azarada de Larra, sempre às voltas com a tirania, desterros, dinheiro escasso e um romantismo exacerbado que o leva ao suicídio, encontrou o jovem Alberdi o paradigma para suas próprias adversidades.

**17.** Larra, Mariano José de. (FÍGARO). "Dos palabras", *in Obra*, v. I. Madrid: Atlas, 1960, p. 71.

**18.** *Id. Ib.*, "Teatros y algo más"; v. II, p. 201.

**19.** *Id. Ib.* "Literatura. Rápida ojeada sobre la historia e índole de la nuestra. Su estado actual. Su porvenir. Profesión de fe", v. II, p.134.

**20.** Larra suicidou-se em fevereiro de 1837, sob o peso de uma série de frustrações políticas e amorosas.

**21.** José Esteban Echeverría (1805-1851). Introdutor do romantismo literário na Argentina, grandemente influenciado por Saint-Simon, foi a principal figura da Associação de Maio. Em *Dogma Socialista*, publicado no exílio em Montevideú, depois de um profundo exame da realidade argentina lança um programa de ação política e social de grande repercussão na intelectualidade jovem.

**22.** INGENIEROS, José. *La evolución de lãs ideas argentinas.* Buenos Aires:Futuro, 1961, v.2, p. 270. Médico, escritor, filósofo e sociólogo de grande presença no mundo de língua espanhola. Sua obra mais difundida no Brasil e constantemente reeditada é "O homem medíocre", de 1913.

**23.** Havendo padecido dos dissabores próprios aos opositores de Rosas, Zuviría foi um jurisconsulto de peso e um político muito ativo em Salta, bem como representante dessa província no Congresso Constituinte de Santa Fé, do qual chegou ser presidente.

**24.** *In: Asambleas Constituyentes Argentinas.* (Selección y notas de Emilio Ravignani). Buenos



Aires: 1937-39, t. IV, p. 472-9. J. M. Gutiérrez chegou a ser reitor da Universidade de Buenos Aires e em seu exílio peregrinou pelo Brasil, inclusive no Rio Grande do Sul, cujas colônias alemãs o impressionaram vivamente.

**25.** In: *Bases...*, Ed. 1933, p. 90.

**26.** Cf. Reis, Maria de Lourdes Dias. *Imprensa em tempo de guerra: o jornal "O Jequitinhonha e a Guerra do Paraguai"*. Belo Horizonte: Cuatiara, 2003. 3. ed. 2006.

**27.** ALBERDI, *La guerra Del Paraguay*, p. 87-97.

**28.** VICTORICA, Julio. *Urquiza y Mitre. Contribución al estudio de la organización nacional*. Buenos Aires: Lajouane, 1906, p. 495; SOUZA DOCCA, *Causas da guerra com o Paraguai*. Porto Alegre: Liv. Americana, 1919, p. 160-1. Osório, com o conhecimento que tinha da política platina e do caráter de Urquiza, um tanto por necessidade e outro tanto para anular seu poderio militar, comprara em Entre Rios quase toda a cavalaria disponível, cerca de 30.000. A aversão dos entrerrianos pelo serviço de infantaria e a nenhuma motivação para ir à guerra explicariam o fracasso da mobilização.

**29.** A repulsa de importantes setores da opinião pública argentina à parceria com o Brasil levou os opositores de Mitre a fundarem um diário – *La América* – para combater fundamentalmente a aliança com o Brasil. No primeiro número, de 1/2/1866 são definidos seus objetivos: "Faremos a guerra ao Império inimigo que ameaça absorver-nos e o faremos com toda a força da razão nutrida da experiência do passado e nas lições do presente.[...] O Brasil se lança sobre esse cadáver para arrancar a seus despojos fumegantes a chave da navegação interior dos rios e fazer às principais repúblicas da América do Sul tributárias de seu raquítico império". Cf. *Documentos para la Historia Integral Argentina*, 2. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1981. Polêmica pública sobre la guerra del Paraguay. Introducción, selección y notas de Enrique Bourges, Pablo Constantini y Fernando Suarez.

**30.** ALBERDI, op. cit., p.65-127.

**31.** Id.,Ib., p.128-61.

**32.** Id., Ib., p. 162-223.

**33.** Id., Ib., p. 224-47.

**34.** Id., Ib., p.90; 95.

**35.** Id., Ib., p. 130.

**36.** Id., Ib., p. 137.

**37.** Id., Ib., p.139.

**38.** Da repercussão dessas questões, tão habilmente exploradas por Alberdi, nas decisões do governo imperial, encontram-se vestígios nas cartas trocadas, em começos de 1869, entre o Imperador, o Conde d'Eu e a Princesa Isabel, em parte citadas por Heytor Lyra, no primeiro volume de sua *História de D. Pedro II, 1825-1891*, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977, PP. 267 ss.

**39.** Cit. por Souza Docca , i n *Causas...*, p.7-8, n.4.